

**UMA CARTA A QUATRO MÃOS SOBRE CURRÍCULOS E PESQUISAS COM OS
COTIDIANOS: ENTRE LINHAS DE FABULAÇÕES E ESCRITAS-DE-SI**

A LETTER FROM FOUR HANDS ON CURRICULA AND RESEARCH WITH
EVERYDAY LIFE: BETWEEN LINES OF FABULATIONS AND WRITINGS-OF-THE-
SELF

UNA CARTA DE CUATRO MANOS SOBRE PLANES DE ESTUDIO E
INVESTIGACIÓN CON LA VIDA COTIDIANA: ENTRE LÍNEAS DE FABULACIONES
Y ESCRITOS DEL YO

Ana Carolina Justiniano¹ 0000-0002-3880-3779
Carlos Eduardo Ferraço² 0000-0002-4019-591X
Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles³ 0000-0003-3930-512X
Leonardo Rangel dos Reis⁴ 0000-0002-5644-6250

¹ Universidade Federal do Sul da Bahia - Teixeira de Freitas, Bahia, Brasil;
anac.justiniano@gmail.com

² Universidade Federal do Espírito Santo - Espírito Santo, Vitória, Brasil; ferraco@uol.com.br

³ Universidade Federal de Pernambuco - Pernambuco, Caruaru, Brasil;
conceicao.nlima@ufpe.br

⁴ Instituto Federal da Bahia - Salvador, Bahia, Brasil; leonardorangelreis@gmail.com

RESUMO

O presente texto apresenta os artigos publicados no dossiê “Currículos e pesquisas com os cotidianos: entre linhas de fabulações e escritas-de-si”. A intenção foi a de apostar na potência dos cotidianos como espaços-tempos de resistência, criação e, principalmente, do uso de diferentes estilos e estéticas de produção e de registro de dados. Foi solicitado às autoras e aos autores que, para além da defesa de uma dada alternativa estética de escrita, pudessem fazer do próprio texto um exercício, uma experimentação de escrita estética. Os textos foram criados por diferentes pesquisadores e pesquisadoras, de diversas regiões e universidades do Brasil e da Europa, ressaltando modos possíveis de escrita que nos ajudam a potencializar poéticas da imanência, que fazem vazar as intensidades e belezas da vida, de *uma* vida, ao afirmarem diferentes éticas, estéticas, políticas e poéticas das pesquisas em currículo.

Palavras-chave: currículos; pesquisas com os cotidianos; escritas criativas; experimentação de escrita estética.

ABSTRACT

This text presents the articles published in the dossier “Curricula and Research with Everyday Life: Between Lines of Fabulations and Self-Writing”. The intention was to focus on the power of everyday life as spaces and times of resistance, creation, and, above all, the use of different styles and aesthetics of production and data recording. The authors were asked to go beyond defending a given aesthetic alternative for writing and to make their own text an exercise, an experiment in aesthetic writing. The texts were created by different researchers from various regions and universities in Brazil and Europe, highlighting possible modes of writing that help

us to enhance poetics of immanence, that allow the intensities and beauties of life, of a life, to flow through, affirming different ethics, aesthetics, politics, and poetics of curriculum research.

Keywords: curricula; research with everyday life; creative writing; experimentation in aesthetic writing.

RESUMEN

Este texto presenta los artículos publicados en el dossier “Currículums e Investigación con la Vida Cotidiana: Entre Líneas de Fabulaciones y Autoescritura”. La intención fue centrarse en el poder de la vida cotidiana como espacios y tiempos de resistencia, creación y, sobre todo, en el uso de diferentes estilos y estéticas de producción y registro de datos. Se pidió a los autores que fueran más allá de la defensa de una alternativa estética preestablecida para la escritura y que convirtieran su propio texto en un ejercicio, un experimento de escritura estética. Los textos fueron creados por diferentes investigadores de diversas regiones y universidades de Brasil y Europa, resaltando posibles modos de escritura que nos ayudan a potenciar la poética de la immanencia, que permiten que fluyan las intensidades y bellezas de la vida, de una vida, afirmando diferentes éticas, estéticas, políticas y poéticas de la investigación curricular.

Palabras clave: currículums; investigación con la vida cotidiana; escritura creativa; experimentación en escritura estética.

Caro leitor, cara leitora como tem passado?

Escrevemos esta carta a quatro mãos com a intenção de apresentar o, que muito nos honrou organizar, e que teve como principal objetivo problematizar os *discursospráticas* que reforçam um dado modelo ainda hegemônico de escrita acadêmica em pesquisas no/do/com o campo do currículo.

Nossa intenção maior foi a de apostar na potência dos cotidianos como espaços-tempos de resistência, criação e, principalmente, de uso de diferentes estilos e estéticas de produção e de registro de dados.

De fato, partimos da ideia-aposta de que os cotidianos, para poderem expressar melhor sua potência de subversão-invenção, exigem outros sentidos, modos e possíveis de escrita, tais como ensaios, *imagensnarrativas*, biografemas, escrevivências, poesias, cartas, filmes, relatos, conversas, diários, escrivinhações, notas, esrileituras, histórias em quadrinhos entre outras tantas possibilidades, que acontecem-emergem *com* esses cotidianos.

São outros sentidos, modos e possíveis de escrita que nos ajudam a potencializar poéticas da imanência, que fazem vazar as intensidades e belezas da vida, de *uma* vida, ao afirmarem diferentes éticas, estéticas, políticas e poéticas das pesquisas em currículo.

Para tanto, solicitamos às autoras e aos autores que, para além da defesa de uma dada alternativa estética de escrita, pudessem assegurar, minimamente, que o próprio texto fosse um

exercício, uma experimentação de escrita estética. Com exceção dos textos de demanda contínua, todos os demais, acreditamos, buscaram corresponder ao solicitado e, mesmo tendo elogiado a ideia, os autores-autoras sinalizaram o desafio que a proposta colocava. Desafio que, pensamos nós, se complexifica com a defesa de um movimento, cada vez mais amplo e intenso na área de Educação, que entende-assume a produção artístico-cultural como produção intelectual.

Nessa direção, o texto *Conversas acerca da circulação científica do que é produzido nas universidades em outros espaçostempos educativos*, de Nilda Alves, Noale Toja e Alessandra Nunes Caldas desenvolve, em uma prática de conversa, uma das temáticas que tem sido preocupação no grupo de pesquisa a que pertencem, a saber, a circulação científica, indicando que consideram que os *conhecimentossignificações* criados nas pesquisas, circulam pelas diversas redes educativas que formam e nas quais se formam.

Para as autoras, com seus múltiplos *praticantespensantes*, a circulação científica é entendida como necessária de ser conhecida para que as pesquisas na área continuem e se ampliem. Com isso, nos diversos meios em que são produzidas, as conversas em torno do que se cria nas universidades no campo da Educação precisam ser acompanhadas e, entendemos nós, usadas, pois favorecem condições preciosas de continuidade.

Também compõe o presente dossiê, o texto *Um currículo hospitaleiro em redes delirantes: escapes éticos, estéticos e poéticos* de Carla Patrícia Acioli Lins e Alisson Clauber Mendes de Alencar que teve como objetivo, uma reflexão teórico-poética sobre um currículo outro, constituído na interseção entre a hospitalidade derridiana e as teorias de currículo em redes.

Como escreveram os autores, a concepção majoritária de currículo não dá conta da complexidade dos encontros escolares, daí porque, pensam currículo como redes delirantes, *espaçostempos* de escapes éticos, estéticos e poéticos. Compondo com a ementa do dossiê, os autores defendem *um* currículo hospitaleiro em redes delirantes, que acolhe as diferenças como mistério.

Ao usarem a estética de escrita do Cordel, inventam palavras que insurgem entre composições das linhas que se movem nos territórios escolares. Ou seja, defendem a linguagem de Cordel como possibilidade de fazer transbordar a aposta em pensar-fazer educação como gesto de amor e de hospitalidade.

O texto-ensaio de Paulo Nogueira, intitulado *O devir-onírico da imagem – texto para*

“*Leal Souvenir*”, de Jan van Eyck, resulta de uma meditação em torno da imagem Retrato de um homem (Leal Souvenir), pintada por Jan van Eyck em 1432, partindo daquilo que Pascal Quignard sugere como “a imagem que falta”.

Ao longo de três andamentos, numa interseção com outras vozes o autor, com seu texto-ensaio, propõe interrogar a relação de imanência entre desejo e ausência, sob o ponto de vista de um ato de sentir, pensar e agir da imagem, cujo movimento ele designa por devir-onírico, que ressurge, no ensaio, como um ato de vida-escrita, não só conectado com um dos objetos figurativos do quadro de van Eyck, sobretudo com uma pulsão de ver o ausente produzido na imagem.

Se, para a produção, a escrita e a problematização de dados Alves, Toja e Caldas apostam nas redes de conversas e, ainda, Lins e Alencar na linguagem de Cordel, vemos Paulo Nogueira se valer de uma escrita que se afasta de uma concepção linear, cujos sistemas naturais de representação, numa visão evolutiva da história, sempre se definiram pela phonè da língua. Segundo o autor, pelo contrário, o que alega vem ainda assombrado pelo rescaldo do Anti-Épido, no instante em que Deleuze e Guattari nos dizem que “escrever nada tem que ver com significar, mas com cartografar, mesmo terras por devir” quando, então, a escrita fica expropriada de uma relação com o significado, não sendo senão a runa reunida numa intriga, manifestada ao mesmo tempo como desejo e falta, um corte no corpo.

No texto *Currículos dançantes na aderência imaginativa ao mundo*, Leonardo Rangel mostra como a imaginação está presente, de maneira imanente, na potência dos encontros ao invés de se oferecer como capacidade pertencente ao sujeito, fruto de divagações em sua “cabeça”. O autor realiza tais considerações em diálogo crítico com a lógica disciplinar, dispositivo cartesiano que cria uma anatomopolítica em torno do controle dos movimentos dos corpos.

A imaginação, nessa perspectiva, deixa de ser uma faculdade “psíquica”, ou um refúgio da mente, para se tornar uma disposição ontológica: é, portanto, a fenda por onde o futuro adentra. Órgão do sentido que nos permite entrar em contato com as virtualidades do mundo. Imaginar é a capacidade de ver o que ainda não é, mas que já pulsa como possibilidade, permitindo projetar-nos para além dos lugares ocupados, transformando o horizonte em campo de criações.

Em *A Invenção pedagógica como prática de pensamento*, resenha crítica de Artistagens: filosofia da diferença e educação, Luciana Velloso nos provoca a *sentirpensar* a obra de Sandra

Mara Corazza, com o intuito de apontar como a autora, ao problematizar os modelos convencionais de ensino e de pesquisa educacional, cria tessituras teóricas, metodológicas e poéticas que articulam o trabalho pedagógico como prática criadora, experimental e aberta à multiplicidade de experiências.

Luciana também nos mostra como o livro dialoga com as perspectivas da filosofia contemporânea, especialmente com a Filosofia da Diferença, ampliando a compreensão da produção de conhecimento em educação, ao valorizar processos de criação, experimentação e sensibilidade nos *espaçostempos* educativos. Com essa ampliação heurística, Sandra Mara Corazza propõe a figura do professor-criador, capaz de produzir e mobilizar experiências pedagógicas inventivas.

Cássia Maria Souza Costa Santana e Mariana Fernandes dos Santos, no texto *A colina, o eletricista e o Milagre: Uma história não contada da formação profissional da população negra no Brasil*, contam como além dos currículos oficiais marcados por hierarquizações epistemológicas, há nos cotidianos das escolas e nas itinerâncias da população negra, a produção de conhecimentos que escapam às lógicas instituídas. Assim, professores, estudantes e comunidades atuam como praticantes que inventam, negociam e recriam os currículos a partir de suas redes de saberes e experiência.

As autoras inventam uma escrevivência ao narrarem um acidente que aconteceu com Rosalvo Isauro Souza quando este trabalhava como eletricista em obra realizada na Igreja do Bonfim, localizada em Salvador, na Bahia, nos primeiros anos do século XX. O texto aponta para o silenciamento na educação em relação à formação da população negra para o mundo do trabalho, bem como na historiografia e nas bases conceituais que estruturam os currículos oficiais da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no país.

Apostando na potência dos cotidianos e, sobretudo, em modos outros e possíveis de escrita, Miguel A. Zabalza, no texto intitulado *Los Diarios (De Profesores y de Estudiantes) Como Herramienta de Aprendizaje y de Desarrollo Personal* apresenta o diário enquanto ferramenta que possibilita uma acontecimentalização da escrita e um modo de dizer e escrever sobre si mesmo, que desestabiliza os padrões de formas e maneiras de escritas em diários.

Nessa perspectiva, abre-se espaço para a figuração de uma escrita desde aquilo que atravessa cada estudante e cada professor na processualidade de suas experiências formativas e curriculares. Mais do que uma ferramenta em que só se registra e descreve o que

se faz, o diário seria um lugar da experiência que, por meio da escrita, abre uma temporalidade e um espaço que fazem vibrar vidas, aprenderes, pensares e fazeres em diferença, a partir do encontro com outros possíveis de escrita. O diário, com esse sentido, mobiliza estudantes e professores a pensarem e experienciarem a escrita em sua potência criadora.

Na sequência, Luana dos Santos Nogueira Garcia e Maritza Maciel Castrillon Maldonado, no texto *Cartas Pedagógicas: Denúncia Docente ao Sistema Estruturado de Ensino no Estado de Mato Grosso*, nos convidam a pensar as cartas pedagógicas como gesto ético, estético e político de resistência. As cartas são concebidas pelas autoras como escritas da experiência docente, que mobilizam processos de subjetivação frente ao processo de padronização da docência, advindo do projeto da racionalidade pedagógica moderna. Assim, as cartas pedagógicas, enquanto lugar da experiência, permitiriam “acompanhar modos singulares de viver a docência”. Emergiriam, nessas escritas, narrativas que, entre outras coisas, operariam como “contradispositivos”, que, além de oportunizarem os professores a produzirem e experienciarem modos próprios de significação docente, abririam fissuras na lógica representacional e de padronização docente, que define as atuais políticas de formação de professores.

O artigo *Currículos e Cotidianos como ‘Espaçotempos’ de Criações Indomáveis*, de Leonardo Ferreira Peixoto e Maria Cecília Castro, originou-se de um Trabalho Encomendado para o Grupo de Estudos Cotidianos (éticas, estéticas e políticas) da ANPE, que convidou diversos grupos de pesquisa a experienciarem “formas sensíveis e inventivas de circulação científica a partir da temática dos artefatos culturais nas ações educativas cotidianas”.

Assentados na escrita como um gesto ético, estético, político e epistemológico, os autores problematizam os modos tradicionais de comunicação do conhecimento diante da complexidade dos cotidianos educativos. Eles argumentam que a multiplicidade de linguagens contemporâneas exige novas formas de produzir e compartilhar *conhecimentossignificações*. Nesse contexto, currículos e cotidianos são concebidos como “redes educativas vivas”, que desafiam o aparato epistêmico e conceitual das ciências modernas.

No texto *Perdi-me do nome*, José Rodolfo Lopes da Silva, Hilton Luis Alves Filho e Marcio Caetano apresentam um currículo que insiste em pulsar, não deixa cessar as luzes do palco e nos força a pensar pelos encontros que desarranjam as teias de sentidos e significados fixados *a priori*. Trata-se de um texto que nos provoca pelas mobilizações criadas nos encontros com o *fora*, a partir de concepções prontas e já significadas.

O texto rememora a vida e morte de Gisberta Salce, uma travesti brasileira morta em 2006, para pensar um currículo insurgente e desobediente diante das incessantes tentativas de retirada do fôlego travadas contra a vida. Assim, os autores defendem que a produção artístico-cultural também produz e organiza *conhecimentocurrículo* e abre fissuras nas racionalidades hegemônicas, para que se desenhem outros futuros possíveis.

Também evocam um currículo que se realiza nos corpos, nas experiências e nas relações com os cotidianos para além das prescrições e evidenciam que ele se encarna nas práticas e nos gestos que atravessam a vida *dentrofora* da sala de aula e também nos corpos. Discute-se também, os efeitos do currículo que irrompem insurreições, desfazem versões oficiais e ativam a potência política dos corpos *dissidentedesobedientes*, que insistem em não morrer a despeito de toda política de aniquilamento que se tente contra eles.

Ao deslocar a noção de currículo como documento prescritivo e propor um currículo inscrito nos corpos, os autores desafiam a fixidez da significância com um mapa aberto, atravessado por forças do mundo e gestos mínimos que criam mundos de fronteiras dançantes. Abordam, também, efeitos, virtualidades e sensibilidades para destacar a dimensão ético-estético-política do currículo e da vida cotidiana, ao considerar que, o currículo encarnado é atravessado por corpos, memórias, afetos e pulsa potência de vida.

Em *Ofício docente: formação, currículo, fissuras, desvios e (re)existências, (re)existências*, Jomar da Rocha Farias Zahn, Maria Elizabeth Barros de Barros e Mara Bonaldi instigam os leitores, ao propor uma formação a contrapelo, que utilize novas estratégias curriculares. Para tanto, recorrem a Roland Barthes com o objetivo de pensar na resistência ao fascismo da língua através de uma escritura de fragmentos, histórias, desvios, fissuras e brechas que visam a criação de possíveis nos currículos como estratégia de resistência diante das imposições governamentais.

Tendo como temas centrais Formação Docente e Currículo, os autores assumem a possibilidade de o corpo-trabalhador ganhar fôlego novo, inventar outros modos de curricular nas escolas e defendem, como projeto ético-estético-político, a *infanciarizar* a docência, criando um modo de vida que permita o florescer em corpos adultos e não adultos e indique pistas de um ritmo outro, vital e alegre. *Infanciarizar* é um desafio da ordem da potência de vida, que afasta a rigidez e explora novos mundos.

No campo do trabalho do adulto, a aposta dos autores é afirmar a infância como convite para o/a trabalhador/a ao inusitado e como gesto político do risco de negar a organização que

aniquila a vida e cria uma docência outra, como potência de vida.

A conversa-entrevista sobre o texto *Gritos sem voz*, escrito por Antônio Carlos Amorim, é um convite ao prazer do texto, da emoção, da conversa. O texto-tema da entrevista, cuja escrita, composta por fragmentos, é da lógica da *despalavra*, versa sobre as possibilidades de se pesquisar o currículo e os cotidianos pelo avesso da escola, ao destacar potencialidades que ousam *transver* a escola e o mundo.

A conversa desdobra-se em torno das virtualidades que fazem mundos por imagens, fluxos e afetos e sobre uma proposta de abandono da significância, ao ousar viver o cotidiano e o currículo sem ter que descrever ou prescrever a vida.

A entrevista também aborda as potencialidades que se abrem ao criar modos de vida dentro da dobra e abre um campo de possíveis, nos lembrando que imagem e pensamento coexistem para oferecer *insights* para o potencial da vida, como um movimento cotidiano duradouro, apontando que o sentido é sempre um efeito. A conversa é um convite a uma nova ruptura e a pesquisar o currículo por caminhos que tornem possível a criação de meios de encontrar coisas ainda não definidas e trazer inspirações às pesquisas nos cotidianos escolares.

As delineações da entrevista sugerem que pesquisar o currículo pode ser, também, desinventar objetos, usar palavras que não tenham idiomas, repetir até ficar diferente, gritar sem voz, quando se pensa que as visualidades em conexão com o currículo, que soam como clamor ao abandono, sejam capazes de criar linhas que vagueantes que vazam. Esta é uma conversa sobre pesquisar por vazios: pensar a escrita como linguagem que foge da profundidade, dilata o tempo e tropeça na língua, ou parafraseando Manoel de Barros, em *Ruína*: é sobre pensar o currículo e a escola como “a palavra que esteja sem ninguém dentro”.

Em termos de demanda contínua, *Contrarreformas nas políticas curriculares do ensino médio*, texto de autoria de Ellen Maria Santos Portela, Carolina Sabino dos Santos e Helena Maria dos Santos Felício, discute as contrarreformas educacionais brasileiras, com ênfase nas políticas curriculares voltadas à Educação Básica, mais precisamente a Base Nacional Comum Curricular, e o Novo Ensino Médio, no contexto das influências internacionais e no panorama histórico do Brasil.

Para tanto, as autoras partem do pressuposto de que esses contextos influenciaram e moldaram a recepção e a adaptação das atuais reformas neoliberais que vêm assombrando a educação pública, especialmente o desenvolvimento da Educação Básica. A pesquisa, de natureza bibliográfica e documental, analisou criticamente os textos normativos com o foco em

explorar como as antigas raízes e as novas roupagens neoliberais, de uma educação excludente, de conformação ética e moral da sociedade, tecnicista e moldada por interesses econômicos, políticos e territoriais, que historicamente limitavam o acesso à educação às minorias, continuam a influenciar as novas abordagens e perspectivas de formação intelectual na educação, refletindo princípios ultrapassados.

Em seguida, o texto *O que e a quem prova uma prova? Experiências, poéticas e fabulações curriculares*, de autoria de Tiago Amaral Sales, Fernanda Monteiro Rigue e Franklin Kaic Dutra-Pereira, partindo dos questionamentos: o que está em jogo quando avaliamos e somos avaliados? Que forças e relações são maquinadas nas práticas avaliativas? Que resistências e linhas de fuga são possíveis quando tensionamos os processos avaliativos?, defendem que, como professores/as formadores/as, estão atentos às questões curriculares que dizem dessas questões, mas não só delas, levando-os a mobilizar o que chamam de feitura de histórias que, em tomo-vacúolos, fabulam poéticas e experimentações ficcionais, as quais dialogam com um referencial das filosofias da diferença para pensar as questões entremeadas nos atos de avaliar, sobretudo as provas.

Mateus Testoni Carvalho e Marilane Maria Wolff Paim, em *Onde está a Geografia no novo Ensino Médio? A disciplina no currículo da Rede Estadual de Santa Catarina*, realizaram um mapeamento da presença da Geografia no currículo do Novo Ensino Médio (NEM) na Rede Estadual de Santa Catarina, apontando para as características simplistas do NEM e as implicações que o novo modelo tem para a atuação docente. Os autores ainda mostram que o currículo é um posicionamento ideológico, um exercício do poder, dependente do período histórico em que é produzido, bem como pelas formas de organização da sociedade e da educação.

O Novo Ensino Médio, apesar das alegações de mudanças nas maneiras em como os estudantes adquirem conhecimento e da promessa de maior autonomia para eles, reflete as políticas educacionais que fazem parte da agenda de organizações internacionais, alinhadas ao sistema econômico neoliberal de busca pela redução dos custos da educação no país. Por isso, apesar da importância da Geografia no percurso escolar, seu lugar frente ao novo Ensino Médio é o de dúvida.

No artigo *Proposta curricular e pedagógica do ensino fundamental e o ensino de ciências no Amazonas: currículo massa folhada*, Kenny de Souza Rocha, Caroline Barroncas de Oliveira e Mônica de Oliveira Costa traçam contribuições para uma leitura crítica dos

currículos prescritos, tendo como objetivo compreender a construção e as prescrições presentes na proposta curricular e pedagógica do ensino fundamental (PCP) para os Anos Finais do Ensino de Ciências no Amazonas.

O texto também ressalta que a referida proposta se revela como documento organizado por meio de múltiplas camadas teóricas, permeada por diversas teorias curriculares. Ainda que Proposta Curricular e Pedagógica do Ensino Fundamental (PCP) evoque a importância da inovação, esta é pactuada como encargo docente, conferindo ao professor a responsabilidade de mobilizar o currículo inovador, sem oferecer aberturas e caminhos de valorização das identidades locais e das singularidades amazônicas. O documento oferece real possibilidade de reinvenção através dos temas contemporâneos transversais, ao contextualizar o Ensino de Ciências voltado ao estudante amazônida.

No artigo intitulado *A Alfabetização no Contexto da BNCC: uma Análise à luz da teoria histórico-cultural*, Adriana Regina de Jesus Santos, Lucas Henrique dos Santos e Fernanda Beatriz dos Santos perscrutam, por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, o processo de alfabetização no âmbito da BNCC, concluem que a BNCC reduz a alfabetização a um treinamento direcionado à consciência fonológica, revelando uma perspectiva tecnicista, reducionista e descontextualizada do processo de ensino e aprendizagem.

O texto *O Ensino de Botânica no Currículo Escolar: uma análise comparativa entre Brasil e Portugal*, escrito por Vinicius Souza Magalhães Leite e Rosane Moreira Silva de Meirelles, discute os currículos de biociências, especialmente no âmbito das Ciências Biológicas, analisando os contextos de Brasil e Portugal. Os autores inferem, com base nos resultados da pesquisa, que os dois países apresentam os mesmos problemas curriculares e pedagógicos relacionados ao ensino de Botânica.

Em *Educação, Avaliação e Performatividade: Efeitos em Currículos, Cotidianos e Subjetividades Docentes*, Priscilla Costa Meireles, Sandra Kretli da Silva assumem as escolas como espaços de efusão de conhecimentos, sentidos e afetos que são capazes de tensionar a hegemonia na produção de políticas de avaliação, que em busca do alcance de metas e desempenho para validar a prática docente, anulam o contexto de vida nas escolas e desconsideram os currículos produzidos pelos *praticantespensantes* nos cotidianos.

As autoras articulam conceitos de performatividade, subjetividade, currículos e cotidianos para pensar nos efeitos que essas práticas avaliativas têm nos docentes e nos currículos e problematizam o fazer docente, os currículos e os cotidianos da/na escola

atravessados por políticas de avaliação.

A escrita cartográfica destaca, sobretudo, a força inventiva e as experiências curriculares que perpassam a vida pulsante na escola, onde se produzem potencialidades a despeito das tentativas de golpear que se tentem através das políticas avaliativas. As autoras argumentam, especificamente, sobre as tentativas de centralização e unificação dos currículos e do fazer docente e apontam o gerencialismo e a performatividade como as principais tecnologias discutidas nas pesquisas que envolvem as temáticas presentes nas políticas de avaliação em larga escala, com o objetivo de deslocar pensamentos para outras possibilidades de pesquisas ao defender a força política do coletivo na luta contra tentativas de engessar o espaço escolar.

Exploração estética de padrões fractais de Tatiana Machado Resende Guedes e Rejane Waiandt Schuwartz de Carvalho Faria discutem as contribuições da exploração estética interdisciplinar dos padrões fractais com materiais manipuláveis para que estudantes percebam a escola, mesmo com disciplinas e conhecimentos fragmentados, como espaço de criação. O estudo, feito no Ensino Médio do curso técnico de informática do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Campus Muriaé recorre à pesquisa qualitativa com dados produzidos nos encontros.

As autoras enfatizam que a exploração estética interdisciplinar dos Padrões Fractais, envolvendo as disciplinas de Informática, Artes e Matemática potencializa a construção de uma compreensão globalizada de padrões, infinitude e tridimensionalidade e amplia a capacidade de análise estética, além das possibilidades de construção de conhecimentos pertinentes às disciplinas envolvidas.

O texto ressalta que a abordagem dos padrões fractais contribui para a formação cidadã crítico-reflexiva dos alunos e estimula o papel de cada indivíduo na sociedade e no mundo por meio da interdisciplinaridade, possibilita que os alunos entendam a relevância do que aprenderam em contextos do mundo real, além de tornar o aprendizado mais envolvente e significativo. As autoras defendem que a relação entre currículo e interdisciplinaridade enriquece a experiência de aprendizagem para que se enfrentem os desafios cotidianos na escola.

Por fim, queremos agradecer a todas, todos e todes que aceitaram participar da composição deste dossiê, com suas produções escritas prenes de diferentes sentidos de currículo, o que muito enriqueceu e ampliou nossa tentativa de ousar *pensarpraticar* a potência dos cotidianos como espaços-tempos de resistência e de criação, em meio aos usos de diferentes

estilos e estéticas de registro-escrita.

De fato, estamos apostando nessas estéticas outras como produções artístico-culturais, que precisam ser vividas-praticadas como produções intelectuais, de modo a nos aliarmos aos movimentos do campo do currículo que assume força das dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas nas pesquisas com os cotidianos.

Desejamos uma ótima leitura...

SOBRE O(S)/A(S)AUTOR(ES)/A(AS)

Ana Carolina Justiniano. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professora da Universidade Federal do Sul da Bahia. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5340042735893083>

Carlos Eduardo Ferraço. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Universidade Federal do Espírito Santo. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4231564319302829>

Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora da Universidade Federal de Pernambuco. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8110858923692305>

Leonardo Rangel dos Reis. Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professor do Instituto Federal da Bahia. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2439250042562437>

Como citar

JUSTINIANO, Ana Carolina; FERRAÇO, Carlos Eduardo; SALLES, Conceição Gislane Nóbrega Lima de; REIS, Leonardo Rangel dos. Uma carta a quatro mãos sobre currículos e pesquisas com os cotidianos: entre linhas de fabulações e escritas-de-si. **Revista Espaço do Currículo**, v. 19, n. 1, e78769, 2026. DOI: 10.15687/rec.v19i1.78769.